

Pesquisa (auto)biográfica: palavra, sujeito e experiência em narrativa poética

(auto)biographical research: word, subject, and experience in poetic narrative

Luciana Nascimento dos Santos¹⁸

Submetido em: 25/06/2022

Aprovado em: 25/06/2022

Publicado em: 26/06/2022 v. 2, n. 1, jan-jun. 2022

DOI: 10.51473/rcmos.v2i1.318

RESUMO

Este artigo objetiva fazer algumas pontuações sobre o campo investigativo da Pesquisa (Auto)biográfica, abordando a experiência como um conceito estruturante desse campo, refletir sobre a concepção de sujeito biográfico e a palavra como uma das matérias-primas da narrativa (Auto)-Biografia, bem como argumentar sobre a pertinência da escrita poética na produção acadêmico-científica. O artigo está estruturado em seções, a saber: Introdução; Pesquisa (Auto)Biográfica: notas históricas e pontuações do campo; O sujeito e a experiência: dueto polissêmico, polirrítmico, polifônico, policrômico e notas inconclusivas, onde destaco as bases epistemológicas e metodológicas da Pesquisa (AUTO)Biográfica como um movimento de ruptura do paradigma da ciência moderna que sacraliza o sujeito universal e a generalização, pois interessa-se pelos sentidos e significados que o sujeito-experiência- o sujeito biográfico- atribui às suas narrativas e como se reinventa. As reflexões apresentadas dialogam com alguns teóricos desse campo investigativo, com relevo para as produções de Souza (2008, 2010, 2014, 2018), Passeggi (2016, 2017), Larrosa (2002, 2003, 2005), Delory-Momberger (2012, 2016, 2018, 2019), bem como estabelece interlocução com a poética insubmissa de Evaristo (2008) e a poligamia da linguagem na poesia de Gonçalves (2020).

Palavras-chave: Pesquisa (Auto)biográfica; o sujeito; experiência.

ABSTRACT

This article aims to make some scores on the investigative field of (Auto)biographical Research, addressing the experience as a structuring concept of this field, reflecting on the conception of biographical subject and the word as one of the raw materials of narrative (Auto)-Biography, as well as arguing about the pertinence of poetic writing in academic-scientific production. The article is structured in sections, i.e.: Introduction; (Auto)Biographical Research: historical notes and field scores; The subject and the experience: polysemic duet, polyrhythmic, polyphonic, polychrome and inconclusive notes, where I uncover the epistemological and methodological bases of the (AUTO)Biographical Research as a movement of rupture of the paradigm of modern science that sacralizes the universal subject and generalization, because it is interested in the meanings and meanings that the subject-experience- the biographical subject- attributes to its narratives and how it reinvents itself. The reflections presented dialogue with some theorists of this investigative field, with emphasis on Souza's productions (2008, 2010, 2014, 2018), Passeggi (2016, 2017), Larrosa (2002, 2003, 2005), Delory-Momberger (2012, 2016, 2018, 2019), as well as establishes dialogue with the insubmissive poetics of Evaristo (2008) and the polygamy of language in the poetry of Gonçalves (2020).

Keywords: Research (Auto)Biographical; the subject; experience.

1 Introdução

O presente artigo objetiva fazer algumas pontuações sobre o campo investigativo da Pesquisa (Auto)biográfica, abordando a experiência como um conceito estruturante desse campo, refletir sobre a concepção de sujeito biográfico e a palavra como uma das matérias primas da narrativa (Auto)-Biografia, bem como argumentar sobre a pertinência da escrita poética na produção acadêmico-científica. O artigo está estruturado em seções, a saber: Introdução; Pesquisa (Auto)Biográfica: notas históricas e pontuações do campo; O sujeito e a experiência: dueto polissêmico, polirrítmico, polifônico, policrômico e notas inconclusivas. As reflexões aqui propostas são intercambiadas com as produções de alguns teóricos desse campo investigativo, com relevo para as produções de Souza (2008, 2010, 2014, 2018), Passeggi (2016, 2017), Larrosa (2002, 2003, 2005), Delory-Momberger (2012, 2016, 2018, 2019), que têm contribuído para a elaboração de constructo para a consolidação e expansão dessa abordagem.

107

Com o olhar e a escuta atentos às imagens, sons, ecos, caminhos singulares e intersecções que os estudos desses teóricos tem aprofundado e reverberado nos campos conceitual e empírico da pesquisa acadêmico-científica, bem como pela tessitura de fios e teias de redes de cooperação acadêmica no campo da pesquisa (auto)biográfica (SOUZA, 2010), venho refletindo acerca das inúmeras possibilidades que esses estudos tem nos proporcionado, tanto pelo aprofundamento das bases epistemológicas quanto dos seus contornos metodológicos .

¹⁸ Mestra em Educação e Contemporaneidade, Professora da Universidade do Estado da Bahia/UNEB/Campus II- Alagoinhas-BA. e-mail: lucianansantos10@gmail.com

Optei por escrever este artigo através de uma narrativa que intitulo de poética, dialogando com a prosa poética e o poema livre, solto, com seus versos irregulares que subvertem a metrificacão, pela poesia e pela ausência de amarras que os interseccionam.

Justifico a escolha da prosa poética como estilo dessa escrita, por duas razões, a princípio: acredito ser importante realizarmos a escrita acadêmica com mais leveza, com amorosidade poética, com os versos livres, e porque a perspectiva da prosa nos liberta de métricas, que supõem linearidade, elemento que se distancia da experiência, da Pesquisa (Auto)biográfica. Assim como a liberdade que habita a prosa, me deixou imantar por versos de poemas livres que celebram o eu lírico, sujeito encarnado que interessa aos estudos investigativos (Auto)biográficos, que diz de um sujeito impregnado da singularidade que a sua experiência lhe confere para aquarelar o texto de sons, imagens, silêncios e ritmos, como explicitado, em entrelaçamento e textura poética, por Gonçalves (2020, p. 52) no trecho do poema Poligamia da linguagem:

Encontrei retalhos de imagens
Tapetes de (foto)grafias
Recortes de textos
Mantas de silêncios
E entre a palavra, sua imagem, sua representação...
Recompus espaços tecidos de
Policromia de sons
Polissemia de ditos
Polirrítmica de não ditos
Recolhi palavras ao vento em ramalhete
Fotografei retalhos multicores
Recortei imagens mudas e falantes
Costurei textos em exposição
Cobri-me de silêncios revelados
Acordei amantes nas esquinas das cidades
Abri vãos nas vitrines das galerias
E em cada olhar que entrecruzou o meu caminho
Vi, embriagada, a força e a grandeza
Da polifonia das palavras

O poema Poligamia da linguagem, pelo seu título já prospecta a multiplicidade de caminhos, de entendimento e dizeres narrativos que fazem da palavra um caleidoscópio, bela imagem que combina com o mosaico de caminhos abertos pelos falares dos sujeitos, suas experiências e suas narrativas, que nos remetem a vislumbrar aproximações com a arqueologia das imagens, por isso, busca (foto)grafias recortadas, costuradas, para cobrir os silêncios revelados no olhar de histórias entrecruzadas, abrindo vãos com os textos em exposição, como as narrativas compartilhadas pelos sujeitos nos estudos(Auto)Biográficos. Desse modo, as palavras polissêmicas também nos saltam aos olhos como fotografias de narrativas, como Delory-Momberger lapida:

Minha fotografia é uma busca pelo impossível nunca alcançado. Tento em um gesto incessante “buscar” a imagem com minha câmera fotografando e refotografando alguns de seus detalhes no desejo de cruzar a fixidez de sua superfície e assim ir além do que ela mostra. Para ver, para tocar o enterrado, o profundo, o inédito. E mesmo que a tentativa fracasse, novas imagens surgem, se juntam e formam uma história incerta e assombrada. (Delory-Momberger, 2019, online)

As lentes de Delory-Momberger, em zoom, delineiam um percurso que nos faz adentrar o campo da pesquisa (Auto) Biográfica, descortinando a cena da pesquisadora/ do pesquisador no ritual de busca das narrativas dos seus interlocutores /colaboradores, capturando detalhes, refotografando, ou seja, revelando outros caminhos para ir além e, como ocorre com a autora ao fotografar, buscar pelo impossível, deixar-se conduzir pelo desejo de cruzar a fixidez de um não, para ver, tocar o profundo, o inédito da memória submersa, das experiências que residem indelevelmente na memória. Então, é sobre a palavra como lente para (foto)grafar as narrativas e escrever sobre elas que a coloco em cena, em policromia de sons, polissemia de ditos e polirrítmica de não ditos (Gonçalves, 2020), com a escuta, livre de direcionamentos, para o fato de que as colaboradoras e colaboradores, em suas narrativas, dirão o que desejam e não o que a pesquisadora/ pesquisador deseja escutar. E como é saudável lembrar sobre os sujeitos e suas experiências; há coisas, como nos diz a canção¹⁹“nem às paredes” confessarão.

Mas, eu confesso, nessas linhas, enamoramento pelas palavras, sobretudo, aquelas que tem melodia e vivo experimentando o que, em mim, provocam. Em razão disso, ratifico os argumentos de Larrosa, pois “[...]eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. [...]”

19 Nem às Paredes Confesso (fado, 1969) –Compositores: Artur Ribeiro, Ferrer Trindade e Maximiano de Souza

(2002, p. 21), elas dizem sobre nós o que desejamos dizer e outras tantas que nos escapam, no tropeço da fala/da escrita, pois “o saber do inconsciente escapa ao sujeito, quando ele fala” (SANTOS, 2009, p. 34) e, acrescento, na escrita também. Assim, “as palavras sabem muito mais longe.” (QUEIROZ, 1986, p.3) Logo, acordá-las dão o ritmo, e impregnam de sentido e significado que é dito e o que ficou por dizer: sinto, digo e escuto. Afinal, [...]determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras[...]LARROSA, 2002, p. 21). Portanto, deixo-me capturar pela palavra poética como um modo de escrevê-la como uma inscrição, um registro (inscrição, um registro) de um dizer como experiência, que vai do semântico ao político, como instrumento.

Desse modo,

[...]As palavras com que nomeamos o que somos, o que fazemos, o que pensamos, o que percebemos ou o que sentimos são mais do que simplesmente palavras. E, por isso, as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras, algo mais que somente palavras. (LARROSA, 2002, p.21)

O autor nos provoca a pensar sobre o campo de disputas político-ideológicas que circunda as palavras, pelo controle, pelo silenciamento, pela imposição daquelas que atendem e definem padrões. Isto nos encaminha para a intelecção acerca da palavra metrificada, petrificada pelo estilo acadêmico hegemônico de produzir e validar o conhecimento, ainda com marcas profundas do argumento da neutralidade como condição de plausibilidade, verossimilitude científica.

Ainda, Larrosa,

[...]atividades como considerar as palavras, criticar as palavras, eleger as palavras, cuidar das palavras, inventar palavras, jogar com as palavras, impor palavras, proibir palavras, transformar palavras etc. não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavrório. (LARROSA, 2002, p.21)

Corroboro Larrosa, não são ocas, não são vazias, não são palavrórios. Refere-se a um discurso em disputa, um projeto de ciência e de sociedade em (des)construção. Por isso, com esta citação retomo o fio da meada sobre a escrita acadêmica com mais leveza e com amorosidade poética, como instrumento de transgressão à ordem imposta.

Desse modo, endosso todos os argumentos que advogam ser a escrita acadêmica franqueada para poder debruçar-se em discussões densas com um estilo mais leve, sem palavras endurecidas por estarem sempre no mesmo lugar, dizendo a mesma coisa, sacralizadas sob as bênçãos de uma suposta verdade, numa série de compulsivas “repetições das mesmas citações[...]” (GATTI, 2012, p.28) que de tanto a gente ler, de tanto a gente ver em páginas a perder de vista, a gente já sabe “de cor e salteado”. Nessa linha argumentativa Larrosa (2003, p.106) reforça a emergência de uma escrita diferente:

Tenho a sensação de que no mundo acadêmico se está cada vez mais enfadado de ouvir sempre as mesmas coisas ditas no mesmo registro arrogante e monótono, havendo como que uma necessidade de sair desse tédio e uma certa expectativa em relação a qualquer registro de escrita que se apresente como diferente.

A expectativa da escrita diferente retratada por Larrosa, que atravesse a fronteira da repetição, também sublinhada por Gatti (2012), se constitui em inquietação explicitada por Alves:

[...], significa que entendo que é preciso uma outra escrita para além da já aprendida. Há assim, uma outra escritura a aprender: aquela que talvez se expresse com múltiplas linguagens (de sons, de imagens, de toques, de cheiros etc.) e que, talvez, não possa ser chamada mais de “escrita”; que não obedeça à linearidade de exposição, mas que teça, ao ser feita, uma rede de múltiplos, diferentes e diversos fios; que pergunte muito além de dar respostas; que duvide no próprio ato de afirmar, que diga e desdiga, que construa uma outra rede de comunicação, que indique, talvez, uma escrita/ fala, uma fala/escrita ou uma fala/escrita/fala (ALVES, 2001, p. 30)

É a escrita que não obedece a linearidade, porque múltipla em sua forma de comunicar que nos anima a pensar a ciência plural, viva. A ciência aristocrática, dos discursos e sujeitos escolhidos, seletiva, excludente, que monopoliza e despreza o que lhe escapa impingindo o estigma da não-ciência, não cumpre aquele que deveria ser o seu papel de território no qual germinam conhecimentos que contribuem para pensar, conhecer, dialogar e intervir, ratificando a sua relevância para a vida das pessoas, ao “priorizar o humano e seus estatutos singulares, os movimentos de ver, escutar, sentir, elaborar e socializar conhecimentos” (SOUZA; MEIRELES, 2018, p. 286), objetivando compreender os sujeitos, suas histórias e seus contextos sociais e históricos.

Questionar e desconstruir concepções homogeneizantes sobre o que é produzir ciência, perpassa pela reinvenção, escrita e reescrita dos sujeitos e como comunicam esses processos. Nesse campo verdeja o desejo de fazê-lo em acordes poéticos,

como argumenta Moraes,

O uso de uma linguagem mais metafórica como forma de enriquecimento na explicação de um conceito, ou ainda como ponte para a sua apropriação[...], em um esforço poético de experimentação de novas linguagens a serem incorporadas às produções acadêmico-científicas, sem perder o rigor e a dimensão científica da escrita, que ganha leveza e tons poéticos em suas palavras, mantendo o estilo e a inspiração próprios dos autores (MORAES, 2018, p.4).

Desse modo, torna-se importante a referência sobre a necessidade de ultrapassarmos o registro arrogante e monótono, destacado por Larrosa(2003), e reforçar a perspectiva apresentada por Moraes (2018) de que a escrita poética não compromete o rigor da produção científica e contribui para nos aproximarmos de uma escrita que não sucumbe aos ordenamentos científicos positivistas da ciência moderna, como conhecemos, desmonta as adjetivações pejorativas, não se rende a um eixo identitário que fragmenta o sujeito entre a paixão e a razão. Ao contrário disso, faz emergir um sujeito que escreve e narra sentindo com o corpo inteiro, o que implica compreender:

[...] comunicar novas preocupações, novos problemas, novos fatos e novos achados é indispensável uma nova maneira de escrever, que remete mudanças muito mais profundas. A esse movimento talvez se pudesse chamar narrar a vida e literaturizar a ciência. (ALVES, 2001, 15-16).

Esse movimento que encharca inunda a ciência, a academia e seus sujeitos como foi poeticamente traduzido por Alves (2001), ao falar de narrar a vida e literaturizar a ciência, soa como versos melódicos de um poema livre e de uma prosa poética do eu lírico, que interessa ao movimento (Auto)Biográfico, constituído pelos sujeitos que “dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 524). Literaturizar a ciência, pois, está em nós como um processo de humanização dos espaços acadêmicos e do conhecimento. Somos a arte, a matéria prima, substância viva que torna possível a reinvenção do olhar sobre o que é ciência, sobre o que é pesquisa implicada. O tempo cronológico é superado. A relação com o tempo se constrói pela perspectiva do tempo biográfico, que concebe o sujeito como o protagonista da cena, que narra a experiência a partir do presente, do vivido como “campo de representações e de construções segundo as quais os seres humanos percebem sua existência”. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.525).

Em pesquisa (Auto)Biográfica, preservam-se entre pesquisadora /pesquisador e colaboradora/colaborador: “atitudes, colocações, formas de intercâmbio e de ação recíprocas” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.525). As narrativas incorporam caráter biográfico, inscrito em textos fecundados de sentidos e significados atribuídos pelos sujeitos, atores sociais, intérpretes das suas relações consigo próprio, com os outros e com o mundo. As bases metodológicas e epistemológicas da pesquisa (Auto)biográfica movimentam, redefinem, redesenham o sentido da cena, ao comunicar novas preocupações, novos problemas, novos fatos, novos achados. Em vista disso, poliniza novas maneiras de pesquisar, de narrar e de escrever. Desse modo, vislumbro uma escrita de palavras tranças:

No trançado das palavras
Linhas dançando nos bilros
Fio por fio tecendo história
Fio por fio guardando sentidos
Trança por trança entrecruza
Silêncios e cantorias
No trançado das palavras
Os versos assobiam
Os sons das indagações,
Dos festejos da vida,
Dos afetos abraçados nos laços da memória.
Fio por fio
O trançado das palavras
Espana as poeiras do tempo
Vasculha os recônditos silêncios
E repousa na sutileza dos dizeres
Que afagam.
Palavra por palavra
Fio a fio
Construindo
Intersecções e convergências

Diferenças e singularidades
Escrita de palavras trançadas.
(Luciana Nascimento)

Com as palavras trançadas que evocam reminiscências da infância, com cabelos trançados, de histórias cruzadas de longe, de muito longe..., ancestrais. Fio a fio o trançado construindo intersecções, diferenças e singularidades, reescrevo agora com os sentidos e significados do presente, a trança como identidade, pertencimento, que me confirma como sujeito narrando o sentido e o significado das experiências, pois como no teatro, em pesquisa (Auto)- Biográfica, quebramos a quarta parede. Aproprio-me da linguagem teatral para metaforizar os campos abertos da pesquisa (auto)biográfica como um movimento de derrubar a quarta parede²⁰ que vai em direção oposta à linearidade da história hegemônica, rompe com os princípios e a racionalidade cartesiana positivista e hegemonia da ciência moderna. A quebra da quarta parede ecoa como anúncio de problematização e superação de uma concepção sobre a pesquisa que sustenta o olhar do distanciamento, da impessoalidade, reverência ao quantitativo, à generalização, a objetividade, como álibi ou certificado que garante a cientificidade de um saber válido. Válido por quê? Legitimado por quem? Tais indagações amplificam a necessidade de rompimento de todas as paredes que se interpõem à compreensão de que pesquisa e a ciência são realizadas no plural, como “ciência das mediações” (FERRAROTI, 2010, p.31).

As reflexões feitas por Cunha (2016) sobre o sentido da quebra da quarta parede revelam aspectos que dialogam com a pesquisa (auto)biográfica, pois entende que a história é feita de histórias, vozes, ações que compõem a existência coletiva. Por isso, consolida emblemáticos passos:

Na contramão dessa História linear, simples e resolvida, a não linearidade – como estrutura –[...] diversas vozes aparecem para compor a história. [...] contada coletivamente por suas personagens, por meio de suas ideias e de suas ações, por meio de suas escolhas e, especialmente, em sua transformação, em sua existência coletiva[...]. As personagens não se dividem entre heróis e vítimas, são elas mesmas contraditórias e complexas, em situações contraditórias e complexas. (CUNHA, 2016, p. 4695)

Nesse ambiente de ruptura das paredes, os sujeitos narram suas experiências e representam as suas vidas em trocas com outros, com o mundo, envolvidas em sentidos e significados.

Diante do exposto, pela polifonia das palavras, pelas fotografias de narrativas multicores garimpadas por lentes em zoom, refletir e escrever sobre Pesquisa (Auto)Biográfica me inspira a degustá-la com a liberdade e o prazer de quem se alimenta de uma indescritível iguaria, acompanhada do buquê daquele vinho reservado na adega para testemunhar memórias, que as tornaram experiências que contam sobre o sujeito a partir da sua narrativa, seu tempo presente, seu espaço, seu lugar), pertencimento, elipses, bifurcações e esquecimentos, pelos bailes da vida.

Compreendo, pois, que o território da Pesquisa (Auto)biográfica, é habitado por pessoas que se interessam por pessoas, o que dizem, como dizem, como sente, o que não desejam lembrar e as coisas que teimam em não esquecer, suas pausas, ou seja, suas experiências - sua vida. E as pessoas e suas experiências nos chegam pelas palavras faladas, escritas e até silenciadas, uma das matérias primas, para compor as narrativas, para compartilhar as experiências com todas essas marcas, que reivindica uma linguagem transversalizada pela paixão e singularidade, como sublinha Larrosa (2005) e poetiza Manoel de Barros: “[...]A maior riqueza do homem é a sua incompletude. Nesse ponto sou abastado. [...]” (1998, p.79). A melodia que ecoa da incompletude do sujeito, da ciência e suas produções, distancia o movimento da pesquisa qualitativa da armadilha da sedução e do apego à verdade. Portanto, como fiandeira, tomo as palavras fio a fio para adentrar outros caminhos e tessituras da Pesquisa (Auto)biográfica, como uma leitura da partitura em notas históricas.

Pesquisa (Auto)Biográfica: notas históricas e pontuações do campo

A genealogia da pesquisa (Auto) Biográfica se constitui de um DNA com composição de bases epistemológicas e metodológicas das ciências humanas e sociais, cujos estudos são estruturados pelo interesse nas pessoas, em suas atividades cotidianas, suas experiências, suas reflexões e interpretações, resultantes da ruptura com o paradigma da sociologia positivista no final do século XIX na Alemanha (NÓVOA,; FINGER,2010), destacando a relevância e sistematização dos estudos de sociólogos, dos anos de 1920 e 1930, vinculados à Escola de Chicago para o surgimento do método biográfico, que “desencadeou, no decurso da sua evolução histórica, importantes polêmicas epistemológicas e

²⁰ De acordo com os argumentos de Bertola (2017, online), a “[...]expressão “quarta parede” faz referência à forma como os atores relacionam-se com a plateia. Existem diversas maneiras de se utilizar o espaço cênico[...], esse estilo de palco surgiu somente no final do século XV e início do século XVI, durante o período do Renascimento na Itália. Caracteriza-se com uma parede ao fundo e duas paredes laterais, uma espécie de caixa. A “quarta parede” seria uma barreira imaginária colocada na frente, entre os atores e o público. Nessa concepção os atores desconsideram a existência do público, como se as pessoas olhassem pelo buraco de uma fechadura. [...]” (BERTOLA, 2017, online). A quebra ou derrubar a quarta parede se refere à transposição dessa barreira imaginária que separa os atores e o público, havendo uma interação entre ambos.

metodológicas, que o opuseram a uma prática positivista das ciências sociais”(NÓVOA; FINGER, 2010, p. 8), tais como a objetividade e a generalização, como abordagem que negligenciava as especificidades. O que, na análise de Ferraroti (2010, p. 30), desencadeou “uma crise generalizada dos instrumentos heurísticos da sociologia: a metodologia clássica das ciências sociais[...]: a objetividade e a intencionalidade nomotética”, gerando contestação e crítica a esse postulado que somou-se à exigência, com o “capitalismo avançado”, de uma nova antropologia voltada para as necessidades concretas, pois, “as grandes explicações estruturais, construídas a partir de categorias muito gerais, não satisfaziam os seus destinatários “(FERRAROTI, 2010, p. 30). Tal situação leva as pessoas a demandarem a necessidade de compreensão acercada vida cotidiana, as dificuldades, contradições e suas conseqüentes tensões e problemas.

À vista disso, o método biográfico se coloca como alternativa à exigência de uma “ciência das mediações”. A partir de então, registra-se uma crescente valorização do método biográfico. Nos percursos e processos históricos, a utilização do método biográfico se estendeu para as ciências da educação, potencializando e ramificando o debate.

Segundo Souza (2014), considerando a tradição da pesquisa acadêmica, registram-se avanços no campo da pesquisa (auto)biográfica desde os anos 1920, com sociólogos de Chicago e suas implicações epistemológicas, às críticas fomentadas por teóricos, como Bourdieu, sobre as biografias individuais e coletivas. Estas “são vistas como férteis para apreensão de dispositivos da vida social, humana e das diferentes formas de representações que construímos sobre a vida” (SOUZA, 2014, p. 40).

A pesquisa Biográfica tornou-se um movimento em contínua expansão, cruzando muitas fronteiras e tecendo muitas redes, como se exemplifica nos registros do dossiê sobre a Pesquisa (Auto)biográfica em Educação na Europa e América, Delory-Momberger, Alheit, Johnson-Mardones (2018), explanam sobre a importância e consolidação das bases metodológicas e teóricas desse campo, nos últimos 50 anos, no âmbito das ciências educacionais e sociais. Advertem que, mesmo nesses cenários os preconceitos culturais sobre as abordagens particulares se mantiveram. Porém, o que se registra é um fortalecimento da pesquisa biográfica, biográfico-narrativa, através das produções de pesquisadores da Alemanha, França, Itália, Inglaterra, Espanha, Portugal, Grécia, Estados Unidos e Chile em seus espaços acadêmicos e em âmbito nacional, bem como através de redes de cooperação acadêmico-científicas entre diferentes pesquisadores, em diferentes lócus de produção.

No Brasil, o campo da Pesquisa (Auto)biográfica é rio caudaloso, por onde passa vai fertilizando o solo. Como um catalizador, vai irrigando os seus construtos e abrindo comportas. No campo educacional brasileiro, como sublinha Souza (2014), tem se consolidado como campo de pesquisa, bem como vertente de práticas de formação, através da realização de diversos estudos como abordagem de pesquisa, criação e desenvolvimento de grupos de pesquisa e associações científicas, edições de diferentes congressos, publicações de livros e revistas. Como exemplo da expansão e consolidação desse campo temos a Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica (BIOgraph)²¹, constituída por grupos de pesquisa ramificados em vários estados do território nacional, vinculados a instituições de ensino superior públicas e privadas. A produção desses grupos de estudos e de pesquisa, revela a potência do movimento (Auto)Biográfica, pela multiplicidade de eixos investigativos que orientam a sua produção, como delineado nas várias edições do CIPA (PASSEGGI; SOUZA, 2017): Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica; Espaços formativos, memórias e narrativas; Infâncias, narrativas e diálogos intergeracionais; (Auto)biografias, narrativas digitais, história, literatura e artes; Escrita de si, resistência e empoeiramento; Histórias de vida, gênero e diversidades.

A diversidade de abordagens e análises apresentadas nos trabalhos aprovados para o VII CIPA revelam a distância que separa o momento de eclosão do movimento (auto)biográfico centrado prioritariamente na formação e profissionalização docente, sua identidade e a história da educação brasileira vista pelo olhar do educador, para voltar-se aos mais diversos problemas enfrentados no cotidiano pelo indivíduo. Essas tendências que vêm se firmando a cada edição, pela multiplicidade de abordagens, diversidade de lugares, métodos, fontes e procedimentos de análises, têm contribuído para modos de conhecimentos, sentidos e saberes oriundos da pesquisa (auto)biográfica, justificando suas potencialidades em Educação. (PASSEGGI e SOUZA, 2017, p.20)

O interesse sobre a pesquisa (Auto)biográfica tem registrado um crescimento exponencial. O estado da arte do campo da pesquisa (Auto)biográfica tem reverberado como objeto de estudo e de inúmeras publicações, como se observa em

²¹ A BIOgraph é uma Associação Científica sem fins econômicos, fundada em 16/10/2008, sede na cidade Salvador, com endereço na Universidade do Estado da Bahia | Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (UNEB|PPGEduC), tem como objetivos: congregar os profissionais brasileiros que pesquisam (auto)biografias, memória, histórias de vida e práticas de formação; promover e coordenar estudos e pesquisas, eventos e ensino no âmbito da pesquisa (auto)biográfica, memória, histórias de vida e práticas de formação; dialogar com associações congêneres, especialistas nacionais e internacionais e desenvolver ações interdisciplinares no campo de pesquisa-ensino; estimular a divulgação e informação das produções na área de pesquisa (auto)biográfica, memória, histórias de vida e práticas de formação; e promover a crítica e pluralismo teórico na área em suas diferentes produções e atividades.

https://biograph.org.br/index.php?option=com_content&view=category&id=28&layout=blog&Itemid=67

registros de Bueno, Chamlian, Sousa e Catani (2006), que realiza levantamento das pesquisas realizadas no período de 1985 a 2003, com ênfase nas histórias de vida e profissão docente e nos estudos autobiográficos como metodologia de investigação científica no Brasil.

O objetivo desse estudo foi mapear a produção nacional, identificar as temáticas que foram abordadas com maior profusão e destacar os temas que apresentaram baixo fluxo de produção, evidenciando lacunas e indicando possibilidades para novos estudos na área. As fontes selecionadas para a investigação foram: resumos de teses e dissertações (banco de teses da CAPES); textos completos de teses e dissertações, livros e periódicos científicos. As autoras concluíram, com o referido estudo, ter havido a partir dos anos de 1990, um crescimento significativo no Brasil do uso dessas abordagens, bem como promoveu renovação nas pesquisas sobre professores.

Outro estudo relevante foi realizado por Souza, Sousa e Catani (2008), que analisou os diferentes enfoques abordados em pesquisas que se fundamentaram na abordagem (auto)biografia e nas histórias de vida, com recorte para o campo educacional brasileiro. Com relevo, enfocaram as pesquisas apresentadas nos Congressos Internacionais sobre Pesquisa (Auto)biográfica – CIPA. I (2004) e II (2006). Justificam os autores a importância de realizar um mapeamento das produções com o objetivo de compreender os processos de utilização das “histórias de vida em formação” no Brasil, bem como o entendimento acerca da história do campo educacional.

O trabalho sistematizado por Ramos, Oliveira e Santos (2017) – voltou-se para o estado da arte da pesquisa (Auto)biográfica, a partir da análise das publicações registradas do portal de periódicos do Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Segundo os autores, fazer mapeamento e análise das produções situadas para no campo da pesquisa (Auto)biográfica, possibilitou chegar às seguintes conclusões: efetivação da ampliação das opções teóricas, das orientações metodológicas e técnicas que vem sendo escolhidas para realização da pesquisa (Auto)biográfica, no atual contexto; a maioria dos trabalhos apresentados está vinculada à produção feita no Brasil, mas foram encontrados artigos com origem em países da América do Sul, América Central e Europa; observou-se articulação com diversos campos do conhecimento, a saber: Filosofia, Educação, Saúde, Ciências Sociais e Geografia; por fim, as narrativas/relatos (auto)biográficos orais e escritos, as histórias de vida e os memoriais de formação, se constituíram no maior campo de interesse registrado nesses estudos.

Os estudos feitos por Passeggi e Souza (2017), enfatizam as principais abordagens do movimento autobiográfico no Brasil, no âmbito educacional, apresentam os princípios epistemológicos da pesquisa (auto)biográfica brasileira; e sistematizam, como intitulam os autores, um breve sobrevoo histórico no período de 1990-2016, além de mapear e levantar discussão dos trabalhos publicados no Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (CIPA) I, realizado em 2004e no CIPA II, realizado em 2006,o III CIPA - 2008, , o IV CIPA(2010), o V CIPA(2012), o VI CIPA, em 2014, VII CIPA(2016).

A lista de avanços do movimento é encorajadora: um Congresso internacional bianual (CIPA); uma Associação (BIOgraph) em plena atuação, interagindo com associações nacionais e internacionais, promovendo o CIPA em parceria; um periódico especializado (RBPAB); um portal para a difusão de atividades e contato dos pesquisadores com a Associação; um número considerável de obras consagradas à pesquisa (auto)biográfica, ressaltando-se coleções parceiras, publicadas em francês, português e espanhol; a reedição em língua portuguesa de obras clássicas, publicadas em diferentes países. Esses são legados e pontos de partida sobre os quais espera-se que frutifiquem novos conhecimentos que venham fortalecer o movimento (auto)biográfico em colaboração com pesquisadores e grupos de pesquisa no Brasil, nas Américas e na Europa. (PASSEGGI e SOUZA, 2017. p. 23),

Com os estudos aqui apresentados temos um significativo mapeamento sobre o percurso da pesquisa (auto)biográfica e seus avanços, como enfatizam Passeggi e Souza (2017). Anunciam auspiciosos caminhos com a multiplicidade de questões e temáticas voltadas para a compreensão das experiências e práticas cotidianas, a partir das interpretações dos sujeitos autores que se narram no tempo presente, referenciado pelo lugar, material e imaterial de pertencimento.

O sujeito e a experiência: dueto polissêmico, polirrítmico, polifônico, policrômico

Escrevo embalada pelas estações Vivaldianas²², imaginando as coreografias e as vozes que reverberam da relação amalgamada por outros duetos intrinsecamente construídos, pois o sujeito e a experiência, um só existe em decorrência do outro. Vivaldi narra experiências em acordes de quatro estações, movimentos, sons, imagens, sentidos, significados e sentimentos.

A música de Vivaldi é particularmente inovadora, quebrando com a tradição consolidada em esquemas; deu brilho à estrutura formal e rítmica do concerto, repetidamente procurando contrastes harmônicos, e inventou melodias e trechos originais, era francamente capaz de compor música não acadêmica, apreciada pelo público geral, e não só por uma minoria intelectual.

22 O termo refere-se a Antonio Lucio Vivaldi, italiano (1678 -1741), considerado um dos grandes talentos do período Barroco. As Quatro Estações são a sua obra mais famosa e encontram-se entre as mais executadas no mundo.

Desse modo concebo aproximações entre a música de Vivaldi com as releituras e proposições epistemológicas e metodológicas da pesquisa (Auto) biográfica, porque compreendo que ambas são movimentos de ruptura, de insubmissão e que se interseccionam por quebrar a seletividade dos sujeitos e produzir para além da academia.

Os concertos que compõem as Estações confrontaram as rígidas normas de harmonia da época. O dueto que faz entre a Harmonia e a Invenção, liberta o compositor que retratara música em cenas poéticas, cujas partituras são compostas em notas que ecoam sons, estado, efeito, ciclos, dança, alegria, o choro, o tempo; e a musicalidade da pesquisa (Auto)-Biográfica ressoa no olhar sobre o sujeito, suas experiências e nos seus princípios, seus conceitos, seus instrumentos e metodologias.

Somos sujeito-experiência em dueto polissêmico, polirrítmico, polifônico, policrômico, uma melodia de estações que se complementam todas as vezes que a existência se revela pelos sentidos e significados, os ritmos e sons que singularizam em notas plurais o sujeito que existe pelos compassos da experiência, e esta autentica a sua existência porque nas estações do tempo/lugar, presentificam o vivido, como em “Meia Lágrima”(EVARISTO, 2008, p. 50), pulsando resistência, em meio a “olhos secos”, “basta o meio tom do soluço para dizer o pranto inteiro”, e a experiência ecoando com a voz do presente que vaza o invisível por onde se ver “as inesquecíveis sombras dos que já se foram”. São o sujeito e a experiência fazendo dueto no concerto de grito soltos de Evaristo (2008, p. 50).

Não,
a água não me escorre
entre os dedos,
tenho as mãos em concha
e no côncavo de minhas palmas
meia gota me basta.
Das lágrimas em meus olhos secos,
basta o meio tom do soluço
para dizer o pranto inteiro.
Sei ainda ver com um só olho,
enquanto o outro,
o cisco cerceia
e da visão que me resta
vazo o invisível
e vejo as inesquecíveis sombras
dos que já se foram.
Da língua cortada,
digo tudo,
amasso o silêncio
e no farfalhar do meio som
solto o grito do grito do grito
e encontro a fala anterior,
aquela que emudecida,
conservou a voz e os sentidos
nos labirintos da lembrança.

E a ciência moderna que tentou silenciar o sujeito nas suas entranhas, não pode controlá-lo como fizera com o seu método, suas hipóteses, seu “Cogito, ergo sum” (“Penso, logo existo” / “Penso, logo sou”). E o sujeito, mesmo com a “língua cortada”, “amassa o silêncio” e solta “o grito”, porque “conservou a voz e os sentidos”, na “lembrança”, e se faz experiência porque narrada no presente: “Não, a água não me escorre entre os dedos”, com sentido e significado. É sobre esse sujeito e suas experiências que trata a pesquisa (Auto)biográfica. Delory-Momberger (2012), nos chama a atenção sobre o que “constitui o projeto epistemológico específico da pesquisa biográfica” e o transforma numa abordagem distinta das demais abordagens. Destaca, de forma bastante elucidativa que o princípio fundante e eixo norteador dessa abordagem reside nos modos, meios e percurso da constituição do indivíduo, suas inscrições e entornos, as representações que faz de si próprio e das relações que estabelece com os outros e “a dimensão temporal de sua experiência e de sua existência”. Sublinha, portanto, nessa abordagem, “o indivíduo como ser social singular”.

Enquanto a ciência moderna modelou o sujeito do conhecimento, racional e abstrato, a abordagem (Auto)Biografia interessa-se pelo “sujeito de carne e osso, feito ao mesmo tempo de razão e emoção, transpassado pela experiência e capaz de refletir sobre si mesmo e sobre ela (PASSEGGI, 2016, p.71), o sujeito retratado por Manuel de Barros (1998, p.79), biográfico, que interpreta o seu contexto e se coloca:

[...]Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,

que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.

Esse sujeito que protagoniza a sua existência, “faz a experiência de si mesmo e do mundo em um tempo que ele relaciona com sua própria existência” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p.136), que se contrapõe à apologia ao sujeito universal, todos com a mesma face, exacerbadamente individualizados, que rompem os sentidos, as singularidades e só dialoga consigo próprio. O sujeito que nas bordas do espelho não vê nada nem ninguém. O sujeito que não vê o perigo de enamorar-se por si mesmo, seu duplo, caracterizado pelo narcisismo inconsequente, autodestrutivo, incapaz de romper as barreiras do si mesmo para dialogar com o outro. Um sujeito consumido pelo excesso de informação, obcecado pela novidade, sufocado pelo consumo, produtivo, objetificado pelas generalizações.

Para a pesquisa (auto)biográfica, o sujeito se constitui pela inserção social, pelo enraizamento, pertencimento ao seu lugar de origem, suas múltiplas identidades, social, racial, de gênero, sociocultural, econômica, profissional etc. Esses elementos contribuem para a construção do modo como o sujeito estabelece as suas relações, narra as experiências, construindo o seu processo de biografização (DELORY-MOMBERGER, 2016). Logo, corroboro Larrosa, “O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião” (2002, p. 25), interpretando e sentindo de forma singular o que vive, o que experimenta, o que transforma em experiência. Encontro esse sujeito fascinante, que constrói a sua experiência com todos os sentidos acesos, representado na canção Daquilo que eu sei, de autoria de Ivan Lins,

Daquilo que eu sei
Nem tudo me deu clareza
Nem tudo foi permitido
Nem tudo me deu certeza. [...]
Não fechei os olhos
Não tapei os ouvidos
Cheirei, toquei, provei
Ah Eu!
Usei todos os sentidos.

O sujeito implicado no tempo/espaço/lugar, com um olhar interpretativo sobre o vivido, traduzido em experiência porque lê e narra na temporalidade biográfica. A cronologia se dissipa e a experiência vivida é narrada a partir do presente, do tempo biográfico.

NOTAS INCONCLUSIVAS

A pesquisa (AUTO)biográfica, em suas bases epistemológicas e metodológicas, define como referencial os fenômenos humanos com identidade de tempo e lugar, pois enraizados e pertencentes aos seus contextos, num movimento dialógico entre universal e singular que consolida a concepção de sujeito social.

Desse modo, interessa-se por gente que interpreta o vivido no seu tempo/espaço, atribuindo-lhe sentido e significado. É esse entrelaçamento que compõem as experiências, oxigênio desse campo investigativo. Essa epistemologia construída sob uma partitura que compõe a experiência no compasso da lógica de uma razão narrativa, traz o conhecimento e a escrita do próprio sujeito. Nesse enraizamento, “o indivíduo humano vive cada instante de sua vida como o momento de uma história: história de um instante, história de uma hora, de um dia, história de uma vida” (DELORY-MOMBERGER, 2016, p.136).

Esses princípios epistêmicos e metodológicos rompem a quarta parede de uma ciência prescritiva, chacoalha as normativas, os encaixes arranjados da linearidade positivista. Confronta hegemonias do poder/saber, antagoniza-se com o estabelecido, com a formatação, com a previsibilidade, com a unisonidade e a monocromia da história única, do sujeito universal e da generalização. Confronta a pintura toda cinza que tenta encobrir a gentileza de quem narrar a sua experiência e compartilha.

Assim, o campo onde clorofila a Pesquisa (AUTO)biográfica, germinam estudos polissêmicos, polirrítmicos, polifônicos, policrômicos atentos, aos sentidos e significados que o sujeito-experiência- o sujeito biográfico- atribui às suas narrativas e como se reinventa. Como sujeito biográfico, no tempo e lugar dessa escrita, com base em uma hermenêutica poética, leio nos suspiros e interstícios dos silêncios, no grito de uma pausa ofegante e na criptografia que desenha enigmas que se revelam nos tons e texturas das palavras umedecidas pela saliva da memória que recriam e reinventam no balanço do

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. **Decifrando o pergaminho**– os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Org.). Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas sobre redes de saberes. 3ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BARROS, Manuel de. **O retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Record, 1998.
BERTOLA, Leandro de Almeida. A quebra da “quarta parede”. **Revista Anual da Mostra de Artes Teatrais Integradas de João Pessoa-PB**, 2017. Disponível em: <http://leandrobortola.com.br/a-quebra-da-quarta-parede/>. Acesso 22/08/2021.

BUENO, Belmira Oliveira; CHAMLIAN, Helena Coharik; SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barbara. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 385-410, 2006.)

CAMERATA FLORIANÓPOLIS. **As quatro estações**. 2017. Disponível em <https://www.camerataflorianopolis.com.br/single-post/2017/06/20/as-quatro-esta%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 16/08/2021.

CUNHA, Juliana Caetano da. Narrativas de crítica social no teatro e na literatura: um estudo sobre dialética e estranhamento em Brecht e Sebald. 2016. **Anais eletrônicos do XV encontro ABRALIC** –19 a 23 de setembro de 2016. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491496144.pdf. Acesso em 25/08/2021.

Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. Tradução Anne-Marie Milon Oliveira. **Revista Brasileira de Educação** v. 17 n. 51 set.-dez. 2012

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular**. Tradução Eliane das Neves Moura. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016.

DELORY-MOMBERGER, Christine; ALHEIT, Peter; JOHNSON-MARDONES, Daniel. Dossiê Pesquisa (Auto)biográfica em Educação na Europa e América. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 03, n. 09, p. 745-748, set./dez. 2018.

DELORY-MOMBERGER, Christine; ALHEIT, Peter; JOHNSON-MARDONES, Daniel. Christine. Carte blanche à Christine Delory-Momberger: La photographie, une épreuve de soi à travers le temps, la mémoire, l’Histoire. **9Lives-Magazine**. La Rédaction on 5 février 2019. Disponível em: <https://www.9lives-magazine.com/49154/2019/02/05/carte-blanche-a-christine-delory-momberger-photographie-epreuve-de-soi-a-travers-temps-memoire-lhistoire/>. Acesso em: 20/08. 2021.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

FERRAROTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, M. (Orgs). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

GATTI, Bernadete A. **A construção metodológica da pesquisa em educação**: desafios. In. RBPAAE – v. 28, n. 1, p. 13 – 34, jan/abr. 2012.

GONÇALVES, Glória. **Quaren-temasdi-versos**. - Salvador, 2020. Trabalho de produção independente - Salvador, 2020. E-book. Disponível em: <https://quarentemas-diversos.mailchimpsites.com/> . Acesso em: 25/08/2021.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**. n. 19, p. 20-28. jan./fev./mar./abr. 2002.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. Tradução de Malvina do Amaral Domeles. **Educação e Realidade**: Porto Alegre. v. 28, n.2., jul./dez. 2003.

LARROSA, Jorge. Una lengua para la conversación. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 41, p. 227-40, jun. 2005. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n41/n41a12.pdf> Acesso em: 28 set. 2021.



MORAES, Ana Cristina de. Por uma estetização da escrita acadêmica: poemas, cartas e diários envoltos em intenções pedagógicas **Revista Brasileira de Educação** v. 23 e230091 2018 <https://www.scielo.br/j/rbedu/i/2018.v23/>

NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016) Disponível em: www.editora.unoesc.edu.br

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino. **O Movimento (Auto)biográfico no Brasil**: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. *Investigación Cualitativa*, 2 (1) p. 6-26, 2017.

QUEIROZ, Bartolomeu Campos. **Correspondência**. Belo Horizonte-MG: Editora Miguilim, 1986.

RAMOS, Michael Daian Pacheco; OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães de; SANTOS Maria Rita. Estado da arte da pesquisa (auto)biográfica: uma análise do portal de periódicos capes. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 02, n. 05, p. 449-469, maio/ago. 2017

SANTOS. Maria da Glória Gonçalves. **Transferência**: afeto que enlaça o sujeito do desejo no ato de aprender. 2009Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) - Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Salvador, Bahia, 2009.

SOUZA, Elizeu Clementino de, SOUSA, Cynthia Pereira de e CATANI, Denice Barbara. **A pesquisa (auto)biográfica e a invenção de si no Brasil**. Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 17, n. 29, p. 31-42, jan./jun., 2008.)

SOUZA, Elizeu Clementino de. **Fios e teias de uma rede em expansão**: cooperação acadêmica no campo da pesquisa (auto)biográfica. Revista Teias, [S.l.], v. 11, n. 21, p. 17 p., abr. 2010. ISSN 1982-0305. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24108/17086>. Acesso em: 30 ago. 2021.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Revista Educação UFSM**, Santa Maria, v. 39, n. 1 pp. 39-50 | jan./abr. 2014.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. **Olhar, escutar e sentir**: modos de pesquisar-narrar em educação. Educação e Cultura Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 15, n. 39, p. 282-303, 2018. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/4750/47966110>. Acesso em: 15 ago. 2021.